

Rualdo Menegat

Essa reflexão acerca de quem somos em relação a nossos vizinhos gaúchos e não gaúchos exige abordagens diversificadas e, principalmente, o diálogo entre as várias modalidades de linguagens que utilizamos para inquirir, investigar e interpretar o vasto mundo em que vivemos. Este capítulo irá analisar uma parte dos outros e de nós mesmos que é muito esquecida e cada vez menos considerada na cultura contemporânea. Isso porque somos intensamente capturados pelos afazeres atávicos da vida urbana.

Contudo, essa parte do outro está necessariamente muito presente e dela falamos apenas em situações extremas, quando somos surpreendentemente acordados de nossa rotina, dessa espécie de sono dogmático, pelos eventos naturais. Estou falando da Pachamama, a nossa grande pátria ou a nossa casa comum.

Com muita frequência tratamos de esquecer a Terra, justo de quem tudo nos dá. Não cabe aqui dissertar como foi possível a vida coevoluir com a Terra e não apenas assentar-se nela como um musgo em uma pedra. Vou comentar apenas brevemente sobre como essa coevolução apresenta-se aos nossos olhos em termos de um impressionante resultado final, que chamamos simplesmente de paisagem. Mais do que uma bela vista, a paisagem que vemos e na qual estamos imersos é um intrincado conjunto de elementos, formas, dinâmicas e restos de fatos constituídos ao longo do vasto tempo geológico.

De modo restrito, falarei da geopaisagem da porção meridional da América do Sul. Paisagem que faz de nós não seres quaisquer, localizáveis em um globo como um aleatório ponto (x, y) , mas aqueles que construíram um costume de habitar – e, portanto, sabem habitar, ou pelo menos deveriam saber – determinada porção da muito vasta superfície terrestre. Por não ser uma via de mão simples, acostumar-se a habitar certa paisagem constitui-se por si só na maior das aventuras humanas. Isso porque a paisagem não é uma vista estática que está diante de nós do mesmo modo que aquela obtida no momento do clique de uma fotografia. Ao contrário disso, trata-se de um sistema dinâmico que devemos entender

como funciona se quisermos sobreviver nele como grupo humano, quer dizer, como cultura.

Por isso, a paisagem está intrinsecamente vincada na cultura e vice-versa, razão pela qual nem percebemos o quanto pode ser difícil domesticar certa paisagem e, com isso, habituar um grupo humano a construir uma cultura que se assente nela de tal modo que quase não percebemos uma e outra. Eis o grande drama humano que costumamos reduzir a uma simples história de deslocamento de fronteiras entre reinos, nações e propriedades ou de sucessões de mandatários ao longo de uma linha cronológica.

De fato, a paisagem onde nascemos e vivemos está de tal sorte enraizada em nós, que ela poderia ser considerada uma espécie de DNA externo¹. Quando conhecemos alguém, além do nome e sobrenome sempre perguntamos de onde essa pessoa vem, onde nasceu. A história de cada um e a história de uma comunidade dá-se em relação à paisagem, que parece encerrar também nosso destino. Por isso ela identifica plenamente os grupos humanos, sendo causa e consequência de fratura e coesão cultural de povos, como aqueles do sul da América.

Podemos, então, dizer que a paisagem igualmente faz parte de “nosotros gaúchos”. Como ela é sempre esquecida, poder-se-ia escrever assim: “nosotros (também) gaúchos”, sendo que o



1 Ver MENEGAT, R. 2008. O DNA da Paisagem. In: PAIVA, J.L. 2008. *Natureza Gaúcha: fotografia*. São Paulo: Metalivros, pp. 14-19.

“também” serviria para incluir a “paisagem gaúcha” como parte indissociável desse “nosotros”, já que ela identifica a cultura que nela se estabeleceu como um drama. Mas, que paisagem é esta? O que de fato conhecemos desse “outro” chamado de paisagem gaúcha, seja aquela no Rio Grande do Sul seja aquela dos outros gaúchos, no Uruguai e Argentina? Temos de fato a mesma paisagem? Ou, por nos considerarmos pertencentes a uma mesma cultura, poderíamos tomar por empréstimo a paisagem de outros?

Minha investigação aqui será a de mostrar que se pode tomar a paisagem como empréstimo. Mas, neste caso faz-se necessário ignorar o fato de que a paisagem é parte indissociável de uma cultura, do conhecimento do mundo em que vivemos e, principalmente, da prática social e ambiental ao longo do tempo. A paisagem possui forte influência no desenvolvimento das culturas e das civilizações e vice versa. Nossas ações podem modificar sobremaneira a paisagem. O aquecimento global é uma forte demonstração de ambas as condições. Isto é: (a) do quanto modificamos o sistema hídrico-atmosférico, chamado de clima; e (b) do quanto deveremos reestruturar os impactos das atividades humanas nos sistemas terrestres para que as consequências não entrem no campo da total imprevisibilidade, posto que a Terra é um complexo sistema dinâmico, expresso pelas suas paisagens.

O que é essa coisa chamada paisagem?

Paisagem para nós ainda tem uma conotação deveras pictórica. Sempre entendemos paisagem como uma bela vista, digna de ser gravada em uma tela de um artista. Mas atualmente as ciências da paisagem (ecologia, geologia, geografia, etc.) procuram entender a paisagem como um conjunto de interações mútuas entre o ar, as rochas, a neve, a água, a umidade e a falta dela. Há um contínuo intercâmbio empreendido entre esses elementos e a

fauna, a flora, a radiação solar, os trovões... Todos os elementos constituem a paisagem. E não apenas eles, mas também a sua contínua interação ao longo do tempo. Na medida em que removemos os elementos que compõem a paisagem ou quando mudamos as relações entre eles, estaremos modificando essa paisagem.

A paisagem não é formada por objetos que podemos tirá-los sem que ela se modifique. Tudo o que se toca, tudo o que se introduz, tudo o que se tira da paisagem, muda a sua totalidade. A paisagem é realmente um sistema notável, porque ela é ao mesmo tempo o embasamento e a envoltória da nossa existência. Ela é o todo que nos envolve e que ao modificarmos suas partes também podemos modificar o modo como essa envoltura se apresenta. Ela é o cenário, o palco dos acontecimentos culturais humanos que ocorre junto com toda a teia da vida e que se modifica a cada instante. A paisagem nos envasa, de sorte que não há apenas um ‘chão em que se pisa’, mas uma envoltória que abraça cada um e toda a comunidade. As formas com que um grupo humano estabelece com a paisagem definem identidades recíprocas: da comunidade e da paisagem, de sorte que podemos tomar um pelo outro. Como por exemplo, os incas dos Andes (e os Andes dos incas), os tuaregues do deserto Saara (e o Saara dos tuaregues), os tikunas da Amazônia (e esta daqueles), os guaranis do rio Paraguai (e vice-versa), os kaingangues do Planalto Meridional (e v.v.), os puelches do Pampa (e este daqueles): impossível ver um sem ver o outro.

A paisagem não é apenas o que vemos diante dos olhos, em um único vistazo. Ela também pode ser definida a partir de escalas bem mais amplas, isto é, para além do que está ao alcance da vista. Uma vasta região como a do delta do Rio Lena, no nordeste da Rússia, possui características geomorfológicas, florísticas e faunísticas homogêneas. Essa grande região facilmente identificável em uma imagem de satélite também é uma paisagem (Figura 1).

As regiões da superfície terrestre que apresentam certa homogeneidade de seus elementos constituintes (rochosos, geomorfológicos, florísticos e faunísticos) constituem paisagens, também chamadas de ecorregiões. Por fim, em uma escala mais ampla ainda, a Terra inteira constitui-se em uma paisagem, chamada de paisagem geosférica. A paisagem geosférica é tal que ao longo de

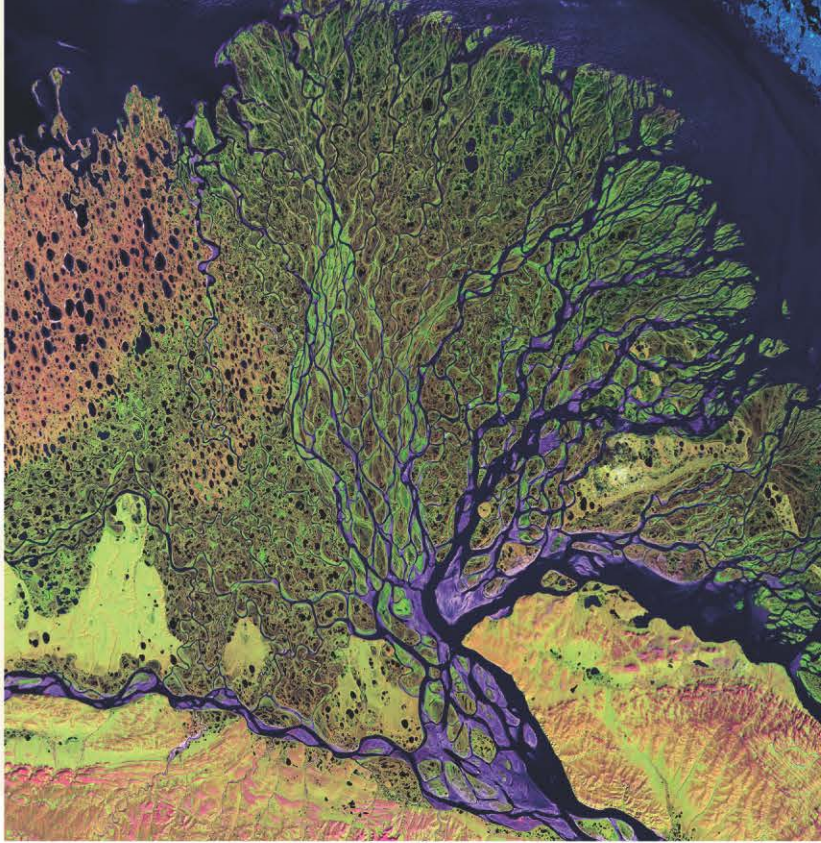


Figura 1 – Delta do Rio Lena, nordeste da Rússia, visto em uma imagem de satélite, conforma uma grande paisagem. [Fonte: Imagem Landsat, NASA, 2000].

4,6 bilhões de anos de existência da Terra, ela não tem se repetido uma única vez sequer. Isso mostra a grande dinamicidade da paisagem terrestre. Como vimos, temos várias escalas de paisagem, todas elas passíveis de caracterização.

A paisagem não é apenas o presente, ela é também o passado. A paisagem é um mosaico de restos de fatos e fenômenos que vêm se imbricando desde tempos imemoriais. Podemos separar os elementos mais antigos dos mais novos e, assim, recompor o processo evolutivo da paisagem, reconstruir cenários antigos e entender suas origens. A paisagem guarda consigo os elementos de sua própria gênese: ela é um mosaico de memórias da história da Terra e da vida. Memórias de ontem que tipificam os lugares de sua superfície hoje e que também tomam parte na condução de sua dinâmica futura.

Quando os grupos humanos que habitam certo lugar não entendem a dinâmica da paisagem e de seus elementos, sucede que podem sucumbir devido a desastres naturais inesperados. Um dos desastres mais comentados na História e ainda hoje presente em nossa memória é aquele que ocorreu em Pompeia, com a erupção do Vesúvio em 79 d.C. Os antigos moradores de Pompeia não entenderam a dinâmica de sua paisagem, não souberam interpretá-la. Eram ignorantes em relação à paisagem em que viviam. E a paisagem irrompe então na história humana e se estabelece como uma tragédia, como uma fratura. A tragédia de Pompeia ficou gravada nos moldes de corpos desvelados pela arqueologia. Mas Pompeia tornou-se também um emblema da cegueira humana diante da paisagem.



Figura 2 – Bloco rochoso com a forma de uma cabeça na encosta abrupta do Cerro Putucusi, Machu Picchu, Peru. A escada à esquerda parece informar o 'cérebro da cabeça' sobre a paisagem que a rodeia. (Fotografia do autor.)

Na atualidade, entendemos que inteligência ou cognição refere-se quase que exclusivamente à manipulação de computadores e máquinas. Mas, na verdade o processo cognitivo humano evoluiu **na e com** a paisagem. O cérebro humano é um órgão que consegue ler e interpretar a paisagem que está a sua volta, e, além disso, coevoluir com ela.

A imagem figura 2 se coloca como uma metáfora da coevolução da paisagem e do cérebro humano. Nessa imagem, um enorme bloco rochoso com a forma de uma cabeça humana compõe a paisagem de uma encosta abrupta do cerro Putucusi, na região de Machu Picchu, no Peru. Uma escada na parte inferior esquerda da imagem sugere um acesso ao cérebro da 'cabeça rochosa', indicando um processo em que a paisagem informa a cognição que, por seu turno, constrói uma cultura face a face com a paisagem. Quando esse processo é orgânico, a cultura humana consegue construir artefatos e cidades que parecem se encaixar perfeitamente na paisagem, como é o caso da cidadela de Machu Picchu.

Quando sabemos ler e interpretar a paisagem que nos circunda, podemos construir uma cultura orgânica, de tal maneira que cultura e paisagem parecem ser uma coisa só, como se fossem feitos um para o outro com perfeição. Tornamo-nos a paisagem e esta se torna a cultura. Por isso, a diversidade de culturas humanas corresponde a igual diversidade de paisagens da superfície terrestre. A diversidade de culturas pré-cabralinas no Brasil deve-se à diversidade de paisagens de nossa terra. Elas vão muito além de uma "Amazônia" ou de uma "Mata Atlântica". Antes de Cabral, estima-se que havia mais de 1.200 línguas indígenas no Brasil, cada qual relacionada a certa paisagem. Desse ponto de vista, o Brasil é uma matriz de paisagens, de especiação de línguas e culturas, a exemplo do Peru, do México, da Índia e da China. Na região do Pampa havia diversas parcialidades indígenas, como querandies, ranqueles, puelches, vorogas, chanás, timbús e charruas². Mas a especiação linguística dos povos campeiros da vasta planície parece não ter sido tão grande quanto a dos povos florestais.

Porém, na civilização ocidental há uma contradição sempre latente entre natureza e cultura, uma polaridade longe de ser superada. Fala-se muito pouco da bionatureza no âmbito da cultura, e menos ainda da geonatureza. Atualmente, tem-se comentado um pouco mais sobre bionatureza, em termos de perda da biodiversidade, desmatamento, etc. Mas, mesmo assim, comenta-se deveras pouco. Não há nem um indício de que a cultura atual esteja considerando seriamente os temas relacionados à ecologia, às paisagens e à Terra.

2 Martínez Sarasola, Carlos. *Nuestros paisanos los indios; vida, historia y destino de las comunidades indígenas en la Argentina*. Buenos Aires, Emecé, 1992, 659 p.

A cultura atual dissocia-se cada vez mais da natureza. Isso porque o sistema econômico global é um sistema calcado na ideia de apropriação desmesurada da natureza e de destruição de sua paisagem, como se pudéssemos dela extrair qualquer produto sem que houvesse qualquer consequência e, como em um supermercado, pudessem sempre ser repostos. A natureza não é um somatório de objetos, nem tampouco um estoque sem fim de produtos passíveis de apropriação. A natureza é uma totalidade que pode e está sendo danificada por esse tipo de apropriação brutal. Por isso ela não pode ser vista na cultura contemporânea e, por conseguinte, falamos tão pouco dela.

Quantos Pampas, quantas paisagens?

A leitura científica da paisagem requer uma síntese resultante do esforço de várias disciplinas (geologia, geomorfologia, hidrografia, botânica, zoologia, climatologia, etc.), pois é uma leitura necessariamente interdisciplinar. Também requer desprendimento do espírito, pois podemos 'forçar' uma leitura da paisagem de acordo com tradições, isto é, critérios subjetivos, políticos, econômicos e ideológicos. A ciência ajuda, portanto, que façamos leituras mais desapaixonadas. Isso não quer dizer isenta de estética e valores, mas sim que nos dispomos a nos render frente às evidências.

As paisagens da Argentina, Uruguai, e sul do Brasil onde ocorre a chamada cultura gaúcha não são nada semelhantes entre si. Na verdade, encerram diferenças notáveis, mais do que talvez gostaríamos de reconhecer, embora o nome comum de 'pampa'. Isso quer dizer que, nesse caso, não foi a paisagem em si que conferiu certa unidade à cultura dita gaúcha. A imagem do gaúcho adquiriu seus contornos, na Argentina, a partir do século XIX e enquanto marca cultural, ela é bem mais recente do que aquela desenvolvida ao longo de séculos pelos habitantes nativos chamados pelos espanhóis de 'pampas' ou 'puelches'³.

A cultura gaúcha resultante da ocupação europeia tem como características marcantes a criação ovina, bovina e equina e o hábito de beber chimarrão, mate ou tereré herdado dos indígenas que viviam

3 Coni, Emilio A. *El Gaucho; Argentina, Brasil, Uruguay*. (Biblioteca Dimensión Argentina). Ediciones Solar, 1986 [1945], 320 p.

no atual Paraguai. A julgar pelos tipos de chimarrão, podemos ver que a cultura gaúcha, assim como sua paisagem, não é monocórdia. O chimarrão enquanto hábito diferenciou-se sobremaneira, de sorte que passou a identificar diferentes lugares. Por exemplo, há uso desde cuias pequenas (Argentina, Uruguai e Paraguai) até muito grandes (Rio Grande do Sul), feitas de cabaça ou simplesmente utiliza-se um copo (Argentina e Paraguai).

Em muitos locais, bebe-se chimarrão sem cerimônia e, em outros, há uma espécie de rígido código a ser seguido, que inclui até qual das duas mãos a cuia deve ser passada adiante. Utiliza-se erva moída ou de pura folha, e a infusão poder ser com água quente, muito quente e até fria, como no tereré tomado no Mato Grosso do Sul, nordeste da Argentina e no Paraguai, onde é patrimônio cultural deste país. É sempre bom lembrar que a erva do chimarrão chama-se *Ilex paraguayensis*. Haveria também vários tipos de paisagens para a cultura gaúcha ou essa cultura é sinônimo exclusivo de Pampa? Que diferenças existem entre o chamado “pampa” do Rio Grande do Sul e o vasto Pampa argentino?

Para entender as diferenças entre as paisagens, nada melhor que visualizá-las. Vamos realizar aqui uma espécie de passeio virtual por alguns lugares típicos do Pampa argentino e da metade sul do Rio Grande do Sul. Transitaremos desde uma escala local e progressivamente nos deslocaremos também para as escalas regional e até continental. Iniciaremos no norte da Província de La Pampa, situada a oeste da Província de Buenos Aires, na Argentina, a partir da paisagem de uma fotografia obtida próxima à cidade de Winifreda (Figura 3).



Figura 3 – Paisagem rural próxima à cidade de Winifreda, norte da província argentina de La Pampa [coordenadas 36°06'30"S, 64°11'20"W]. O horizonte é uma linha quase perfeitamente reta, sem qualquer elevação. [Fotografia: Maximiliano Alba, 2007.]

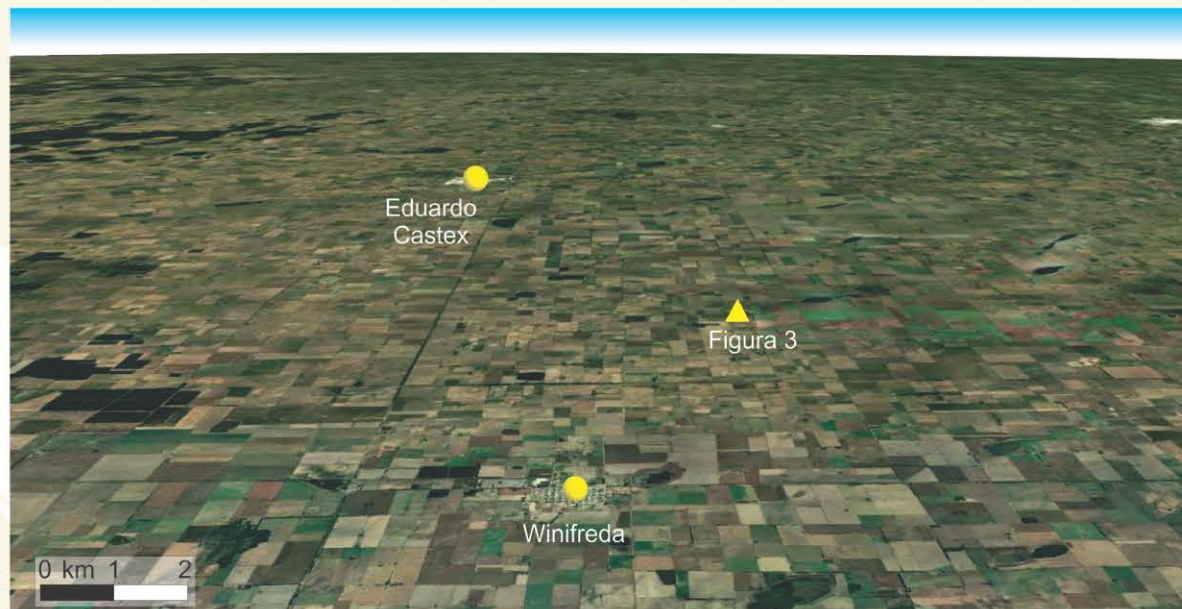


Figura 4 – A paisagem vista na região dos municípios de Winifreda e Eduardo Castex, que distam 35 km um do outro, ao norte da Província La Pampa, apresenta-se como um monótono tabuleiro plano. (Imagem Google Earth.)



Figura 5 – O vasto Pampa apresenta-se monocórdico nessa cena. Buenos Aires dista cerca de 560 km de Winifreda. [Fonte: imagem sob licença de © Anton Balazh, 123RF.COM; dados modelo digital NASA; elementos cartográficos do autor.]

A paisagem de Winifreda: por todos os lados...

Uma linha: eis como o horizonte pode ser visto na paisagem do Pampa argentino como visto na fotografia da Figura 3. Ampliando-se a escala, temos um vasto tabuleiro plano, como mostra a imagem da Figura 4. Nela, estão localizados os pontos das cidades de Winifreda e Eduardo Castex, bem como o local de obtenção da fotografia da Figura 3. Na cena seguinte, bem mais ampla, a cidade de Winifreda é apenas um pixel no canto inferior esquerdo da imagem. Essa cidade dista cerca de 600 quilômetros da capital federal Buenos Aires, que está assinalada no canto superior direito, coincidindo com a linha do horizonte. Se traçarmos uma linha de Winifreda até Buenos Aires, teremos quase o mesmo resultado da fotografia da Figura 3: devido à escala, em vez de uma reta, teremos um leve arco, porém, igualmente liso, isto é, sem qualquer elevação. Nesse mesmo espaço, a paisagem pampiana apresenta-se como um gigantesco tabuleiro, não sendo entrecortado por sequer um curso d'água. Ele é interrompido apenas por alguns lagos rasos.

Pampa ou a imensidão de um plano infinito ao olhar...

A vastidão pampiana foi assim referida pelos versos do escritor argentino Jorge Luis Borges:

Pampa:

*Yo diviso tu anchura que ahonda las afueras,
yo me estoy desangrando en tus ponientes.
[...]*

[Al horizonte de un suburbio, 1925.]

El Oeste

*El callejón final con su poniente.
Inauguración de la pampa.
Inauguración de la muerte.*

[El oro de los tigres, 1970.]

Essa é a impressão que o Pampa argentino confere ao olhar. Em uma escala mais geral, podemos ver como se situa em relação às outras grandes ecorregiões da porção meridional da América do Sul. No modelo de relevo da porção meridional da América do Sul da Figura 6, podemos observar como o grande plano pampiano alcança o Chaco, formando uma imensa planície contínua interrompida apenas na província de Santa Cruz, Bolívia, pelas cristas montanhosas do maciço Chiquitano, antessala da ecorregião amazônica.

Nesse mapa (Figura 6), também fica evidente como as terras baixas pampianas destacam-se das terras mais elevadas do chamado "Planalto Sul-Rio-Grandense e Uruguai". O relevo do pampa sul-rio-grandense e uruguai é bem rugoso, e sulcado por vales e rios. A densidade da drenagem dessa região assemelha-se com a do Planalto Meridional Brasileiro, e não com as planícies chaquenha e pampiana, que de tão planas são bem menos drenadas (ver Figura 9).

As terras baixas do Pampa-Chaco limitam-se a oeste com a Cordilheira dos Andes e, a leste, com as terras altas de vários planaltos, onde se incluem do sul para o norte (ver Figura 7): o Planalto Uruguai, que é contínuo ao Planalto Sul-Rio-Grandense; o Planalto Meridional, que se estende também na região oriental do Paraguai; e, bem mais ao norte, o Planalto Central do Brasil. O contraste de elevação entre as terras baixas e esses planaltos conforma uma 'costa de dentro', uma espécie de borda interna sul-americana no lado oposto à borda atlântica (ver Figura 7). Sempre comentamos sobre a borda da costa litorânea brasileira e pouco reconhecemos essa feição geomorfológica que se coloca como uma 'costa interior' do Brasil.

E por que ela é importante? Porque essa 'costa de dentro' separa geograficamente os planaltos brasileiros e do Paraguai, a leste, da vasta planície chaquenha-pampiana, a oeste. Foi exatamente seguindo por essa borda que os espanhóis, vindos do norte da cordilheira andina no Peru e Bolívia, escoaram riquezas e estabeleceram um eixo de ocupação territorial às costas do Pantanal, Amazônia e do Planalto Central e Meridional do Brasil. As cidades desse eixo são tão antigas quanto as cidades brasileiras do nordeste e sudeste da costa atlântica. Além disso, nessa borda situam-se o rio Paraguai e, mais ao sul, o rio Paraná que desembocam no Mar del

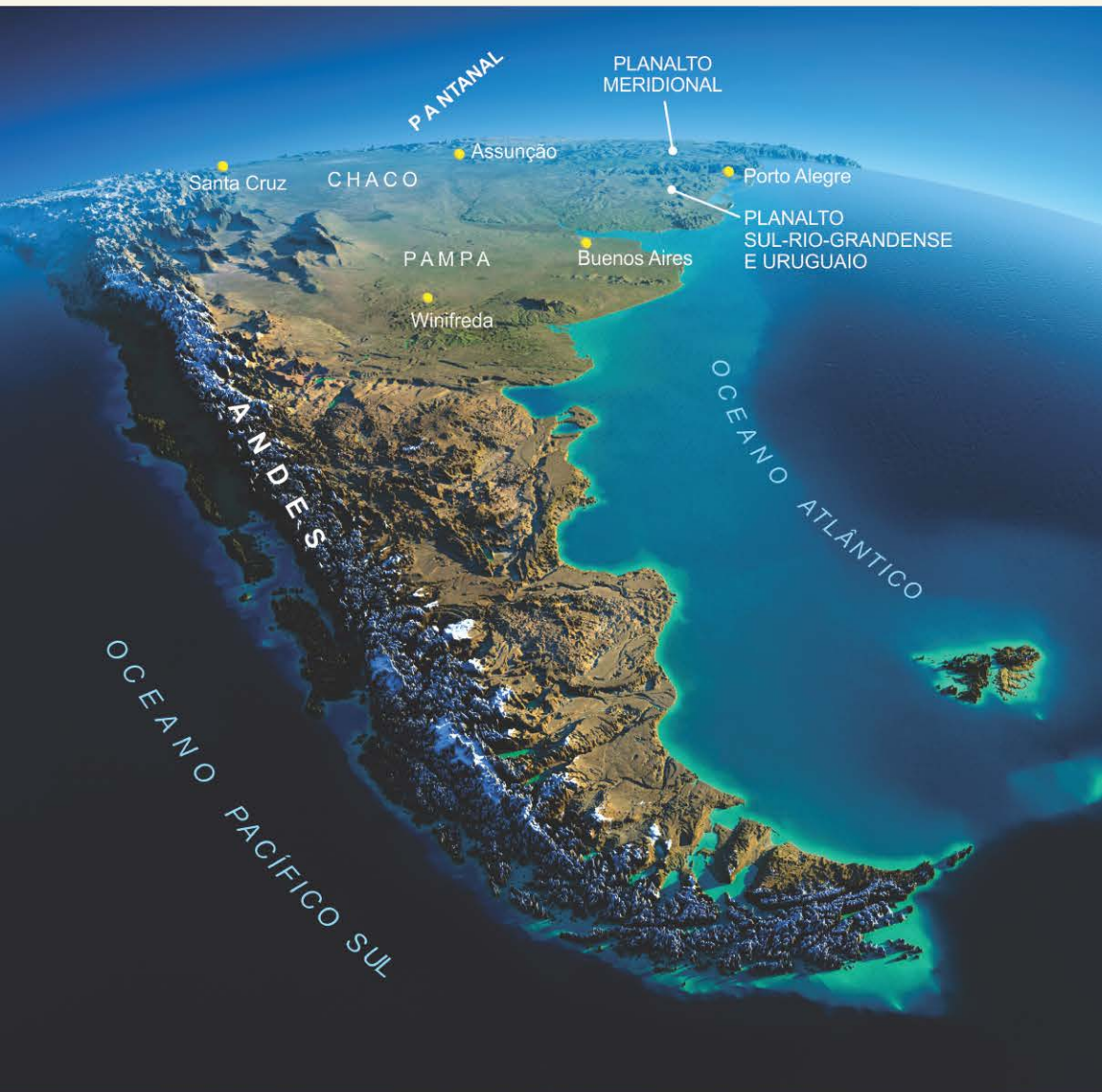


Figura 6 – Modelo digital de elevação da porção meridional da América do Sul (o chamado Cone Sul), onde se distinguem quatro grandes morfologias: (i) o Pampa e o Chaco como um conjunto de terras baixas entre (ii) a Cordilheira dos Andes, na borda oeste do continente, e (iii) o Planalto Meridional do Brasil, a leste. (iv) A meseta escalonada (meseta) da Patagônia, no sul. (Fonte: imagem sob licença de © Anton Balazh, 123RF.COM; dados modelo digital NASA; elementos cartográficos do autor.)



Figura 7 – Modelo de elevação do relevo da região meridional do Brasil e áreas adjacentes. As terras baixas chaco-pampianas contrastam com as terras altas do leste da América do Sul, formando uma “costa de dentro” (linha amarela), bordejada pelos rios Paraguai e, mais ao sul, Paraná. (Fonte: imagem sob licença de © Anton Balazh, 123RF.COM; dados modelo digital NASA; elementos cartográficos do autor.)



Figura 8 – Mapa de sombreamento de relevo da América do Sul. A linha amarela indica a “costa de dentro”, borda entre os planaltos do leste da América e as terras baixas do Chaco-Pampa. As linhas brancas representam fluxos de ar úmido e quente que se deslocam para o sul a partir da Amazônia, e seco e frio, que fluem para o norte desde o Pacífico. As linhas pontilhadas mostram fluxos migratórios de espécies que vegetaram o Planalto Sul-Rio-Grandense. (Fonte: imagem sob licença de ©Michael Schmeling, 123RF.COM; dados modelo digital NASA; elementos cartográficos do autor.)

Plata. Esses rios formam um estreito corredor úmido ao qual Porto Alegre está de alguma maneira conectada pelas terras baixas da Depressão Periférica.

Por esse corredor úmido de terras baixas que bordejam os planaltos a leste estabeleceu-se um fluxo natural florístico, faunístico e hídrico que conecta a longínqua Amazônia com os ecossistemas da porção meridional da América do Sul, e também com o chamado pampa gaúcho (ver Figura 8). Não apenas a flora e a fauna, mas também povos ameríndios, especialmente Mby’a guarani valeram e ainda valem-se desse corredor para alcançar regiões mais sulinas. E, ao ingressar no oeste do Rio Grande do Sul pelas terras baixas da Depressão Periférica, podem chegar até a costa atlântica. Por isso, o Planalto Sul-Rio-Grandense, que chamamos de pampa gaúcho, recebeu uma contribuição florística, faunística e das culturas ameríndias não apenas do Pampa argentino, mas também do Chaco e, mesmo, da borda sul da Amazônia, além da Mata Atlântica.

Assim o chamado pampa gaúcho é o encontro de vários fluxos naturais da América do Sul (ver Figura 8). O fluxo das águas que vem do norte pelos rios Paraguai, Paraná e Uruguai. O ar úmido que vem desde o Atlântico no norte do Brasil, atravessa a Amazônia, esbarra nos Andes e flui para o sul umedecendo as regiões centro-oeste, sudeste e sul do Brasil. Também fluem para o pampa gaúcho os ventos frios vindos do sul, conhecidos como sudestão e sudestada argentina. Nesse caso, tais ventos formam-se no Pacífico Sul e deixam sua umidade no flanco ocidental dos Andes. Esses ventos frios prosseguem secos e transformam-se em uma frente fria que chega até o Rio Grande do Sul e dissipa-se mais a norte, na região sudeste do Brasil.

Por toda essa conformação geológica, geomorfológica, hidrográfica, florística, faunística e climática, o Pampa argentino, bem mais plano, seco e frio, diferencia-se sobremaneira do Planalto Sul-Rio-Grandense (e Uruguai). No chamado ‘pampa gaúcho’ há, portanto, uma diversidade bem maior de flora, fauna e paisagem. O mapa de drenagem da região meridional da América do Sul (ver Figura 9) mostra claramente como o Pampa argentino, que de tão plano, quase não possui drenagem. Trata-se da chamada hidrografia endorreica, com formação de lagos permanentes e efêmeros devido à acumulação da água da chuva. O mesmo mapa mostra que o Planalto Sul-Rio-Grandense e Uruguai é completamente sulcado por cursos d’água, diferenciando-se dos terrenos chaquenhos-pampianos.

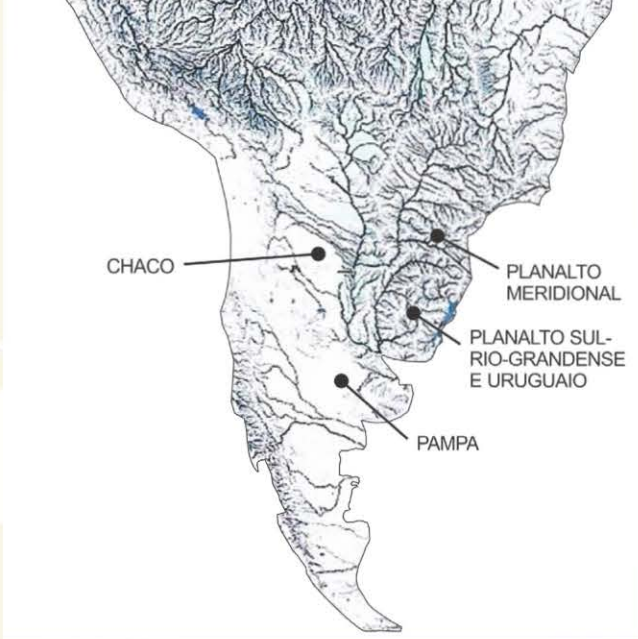


Figura 9 – Mapa hidrográfico da porção meridional da América do Sul, onde se evidencia o contraste entre a pouca drenagem do Pampa argentino e grande parte do Chaco em relação aos planaltos brasileiros. (Fonte: USGS, WWF HydroSheds.)

Figura 10 – Mapa de sombreamento de relevo do sul do Brasil e regiões adjacentes. As localidades apontadas no mapa em amarelo encontram-se ilustradas nas figuras seguintes. (Fonte: imagem sob licença de © Anton Balazh, 123RF.COM; dados modelo digital NASA; elementos cartográficos do autor.)



Figura 11 – Rio Camaquã, morros e cristas na região de Vau dos Prestes, cuja elevação dos cumes mais altos alcança 345 m. (Foto do autor.)



Figura 12 – Cerros agudos e cristas da Serra do Sudeste na região de Santana da Boa Vista. Elevações com mais de 400 m de altitude. (Foto do autor.)

Figura 13 – Relevo tabuliforme da região de Caçapava do Sul, com elevações de até 360 m de altitude. (Fotografia de © Jaime Costa.)





Figura 14 – Mesas e cerros cônicos da Serra do Caverá, em Rosário do Sul, com elevações de até 350 m de altitude. (Fotografia de © Sandro Anhaia, 2013.)

Planalto Sul-Rio-Grandense: muito além de um plano

Agora vamos fazer o mesmo exercício de ver mais de perto algumas paisagens, dessa vez do Planalto Sul-Rio-Grandense, ou do chamado pampa gaúcho. Teremos que fazer uma espécie de seleção de localidades típicas, de sorte a representar a diversidade de situações, como anotadas no mapa da Figura 10. Iniciaremos pela paisagem do Rio Camaquã, o mais expressivo do Planalto Sul-Rio-Grandense, na região de Canguçu (Figura 12). O que vemos ali é um significativo canal fluvial serpenteando morros bem elevados em uma paisagem nada plana (compare com Winifreda e arredores na Figura 3 e seguintes). Um pouco além, 70 km para oeste na região de Santana da Boa Vista, a Serra do Sudeste define-se por cristas montanhosas e cerros agudos, bem escarpados, que ultrapassam 400 m de altitude (Fotografia 13). Então, nessa região, o pampa sul-rio-grandense é muito mais montanhoso e ondulado que o argentino.

Prosseguindo nosso roteiro, agora deslocando-nos 40 km para o norte, vamos nos deparar com a impressionante paisagem cujos elementos esculturais são conhecidos na região de Caçapava do Sul como 'guaritas'. No seu conjunto, formam um relevo tabuliforme de rochas sedimentares. Trata-se de uma chapada menos elevada que aquelas do centro-norte do país, com pequenos cânions, mesas, cuevas com encostas que expõem belos rochedos de coloração avermelhada. Uma paisagem realmente literária. O saudoso botânico Bruno Irgang chamava a vegetação que ali ocorre de savanoide,

considerando-a bem diferente da formação campestre do Pampa argentino.

Paisagem de empréstimo

E por que então a paisagem do Pampa argentino é considerada como sendo semelhante a do pampa gaúcho? Por que é comum a ideia de que o Planalto Sul-Rio-Grandense seja tão plano quanto o Pampa vizinho? Por que ao adotar a cultura pampiana, a cultura gaúcha acabou também tomando por empréstimo a paisagem pampiana?

Poder-se-ia supor que uma das razões para esse fato deuse em função da paisagem que é encontrada ao se trafegar de carro ou de ônibus pela BR290 desde Porto Alegre até Uruguaiana (ou vice-versa). Essa rodovia situa-se em uma estreita faixa de terras mais baixas, chamada de Depressão Periférica, entre o Planalto Meridional, a norte, e o Planalto Sul-Rio-Grandense, a sul. Nessa faixa, também flui de oeste para leste o Rio Jacuí. Como Porto Alegre se situa na interface da planície costeira, que é razoavelmente plana, então enseja a ideia de que toda a região a sul da rodovia também seja plana. Com efeito, quando estamos dentro do carro ou do ônibus rodando na BR290 e olhamos à direita ou à esquerda, dificilmente vemos as escarpas mais elevadas do Planalto Meridional ou do Planalto Sul-Rio-Grandense, pois elas se acham distantes da rodovia.

Mais apropriadamente, a porção sul do estado foi designada como Ecorregião de Savana Meridional ou Campos Sulinos pela ecóloga, botânica e fitogeógrafa Maria Luiza Porto, sendo distinta do Pampa (ver Figura 15). Também tem sido chamada de Savana Uruguai-Sul-Rio-Grandense⁴. Com efeito, a diversidade das formações vegetais na parte sul do Rio Grande do Sul é muito maior do que a da formação campestre pampiana.

⁴ Dinerstein, E., et al. *A conservation assessment of the terrestrial ecoregions of Latin America and the Caribbean*. Washington, World Bank, WWF, 1995, 129 p.



A ecorregião de savana estende-se desde a porção sul do estado e engloba ainda todo o Uruguai e pequena parte da província Entre Ríos, na Argentina. Compreende um mosaico vegetacional de florestas galeria, savanas com palmáceas, e florestas submontanas. A ecorregião tem sido modificada pela produção de gado e agricultura intensiva.



Figura 15 – Mapa das ecorregiões da América do Sul (modificado de Porto & Menegat, 2006; e World Bank, 1995).

A diversidade de paisagens, resultante da geodiversidade e biodiversidade, da porção sul do Rio Grande do Sul é maior que a pampiana. Por uma força de tomar esta última paisagem de empréstimo, acabamos não reconhecendo a nossa própria paisagem. Isso tem consequências, como a destruição de nossas paisagens, e a relação distorcida entre a cultura e a paisagem. Isso leva à desagregação cultural, social, pois conduz a ideologismos culturais monopolistas de exclusão da diversidade⁵. Como disse o escritor Carlos Martínez Sarasola, “Esta é a nossa tão busca da identidade: a consciência da heterogeneidade, a consciência do multiétnico e da pluriculturalidade que caracterizam a nossa forma de vida como totalidade. Nessa descoberta estará nossa fortaleza cultural [...]”⁶ E também nossa capacidade de proteger nosso patrimônio paisagístico.

⁵ Bayer, Osvaldo. (coord.) *Historia de la crueldad argentina*. Julio A. Roca y el genocidio de los Pueblos Originarios. Ediciones El Tugurio, 2010.

⁶ Martínez Sarasola, C. *Nuestros paisanos los indios. Vida, historia y destino de las comunidades indígenas en la Argentina*. Buenos Aires, Emecê, 1992. 659 p.

Alfredo Jerusalinsky

O escritor Delgado e o geógrafo Menegat, especialista em paisagens, traçaram dois marcos que dão direção a minha fala. Por um lado, o marco da escrita, da literatura que relata, captura para memória e nossa interpretação dos fenômenos sociais nos quais estamos imersos. Por isso lhe agradeço muito. E por outro lado, professor Menegat coloca a paisagem como o lugar onde nosso olhar tropeça e retorna desde esse lugar, contribuindo a que criemos os mitos que precisamos que a natureza cumpra para permitir que nossa vida continue. De modo que nós redesenhemos essa paisagem, mas não sem levar em conta o lugar onde nossos olhos tropeçam. Eu tropeço onde a nossa queda é no meio da paisagem, ou seja, no meio da interação entre os elementos que a compõem. Nós então, não olhamos essa paisagem com um critério de utilidade imediata senão de retorno sobre nosso próprio fantasma, ou seja, aquilo que na posição inconsciente nos orienta nas nossas decisões. Vamos morar em tal lugar, em tal outro será mais fácil ou mais difícil, sem que tenhamos a priori nenhuma experiência necessária disso, é o que imaginamos. Por isso lhe agradeço as imagens.

Como a psicanálise é o único discurso que não disse absolutamente nada, porque quando você está na sua melhor versão diz muito pouco, precisamente é um discurso que se esmera em abrir o espaço para o sujeito falar, ou seja, o Outro falar, então vou me valer do discurso de outros para falar do que aqui me foi solicitado. Dedico-me ao que fica no meio entre a letra e a natureza. Isso que fica no meio, o recheio do sanduiche, somos nós. Continuando na metáfora, um pouco grosseira, tentamos postular em nós mesmos uma mortadela bastante digerível da que inatamente constituímos. Essa mistura entre a letra e a natureza, entre o organismo e a palavra, é o que nós analistas chamamos de fantasma na posição inconsciente. É por isso a pergunta que me faço acerca de nós no meio desses dois marcos.

Vou me valer então de outros discursos. Em particular da história, da economia e da literatura. Nós temos vários tipos de gaúchos, embora o Laçador na entrada da nossa cidade tente nos convencer de que há uma única versão, mas na verdade nós temos várias versões de gaúchos. A começar, digo tomando o gaúcho na posição histórico-

literária, o gaúcho pintado por Domingo Faustino Sarmiento, Juan Facundo Quiroga, na sua obra *Civilização ou Barbárie*, denota essa oposição entre o habitante dos pampas da época da colônia que como não tinha conchabo, ou seja, garantia de emprego, tinha que ser itinerante para conseguir trabalhar nos diferentes lugares onde os latifúndios em gestação estavam se instalando. Esse gaúcho domador de cavalos, caçador e capturador de vacas, porque as vacas eram selvagens, se negava a ser soldado para ir lutar contra os índios nos fortins da fronteira interna e do sul da província de Buenos Aires. Esses gaúchos reclamavam por liberdade.

O Facundo Quiroga, apesar de ser insultado e degradado na literatura de Sarmiento, que o despreza e o considera representante da barbárie, representava uma tentativa ligada às montoneras de Güemes, inicialmente na Guerra da Independência, e tentava constituir um fundo de desenvolvimento para o interior do país. Sarmiento sustentava a ideia de que a única saída para as Províncias Unidas do Rio da Prata era pactar com os ingleses a instalação das ferrovias. Instalação que se fez, por exemplo, para escoar toda a produção extrativa que caracterizava o norte e o nordeste da República Argentina. Essa produção era, em primeiro lugar, do quebracho, uma árvore bem parecida com o pau-brasil, muito rica em tanino. Quem dominasse a extração do tanino no início do século XX dominava a tecnologia do curtume de modo que o couro adquiria uma resistência necessária para fazer a transmissão mecânica das máquinas daquela época. Esse domínio trazia vantagens nas economias industriais e de guerra. Os tanques, na Primeira Guerra Mundial, foram impulsionados por esse tipo de transmissão. Em decorrência dessa economia a primeira ferrovia construída na Argentina não foi entre cidades, mas sim, do El Chaco, Resistência e Santiago del Estero à Buenos Aires. Era uma ferrovia de dois mil quilômetros. Hoje Santiago del Estero é uma província deserta, porque foi devastada na sua totalidade para ser um bosque de quebracho, explorado pela britânico- argentino La Forestal. Quando terminou o quebracho e na outra região estavam índios belicosos, formando o que chamavam de uma selva impenetrável, além do fato que começaram a surgir os materiais sintéticos que substituíam o couro, a extração do tanino deixou de ser uma vantagem econômica e a La Forestal fechou. Os cinco mil operários tomaram a fábrica

para produzir móveis de outras madeiras, mas como era propriedade privada isso não foi permitido. Os ingleses convenceram os generais argentinos que foram até a La Forestal na fronteira entre Chaco e Santiago del Estero e eliminaram completamente os homens, mulheres e crianças de La Forestal. Quer dizer que não sobrou nenhum gaúcho que era a mistura entre os índios tehuelches da região e os índios ranqueles. Na região sul os índios patagones foram eliminados por duas grandes famílias: a família Alcorta e a família Menéndez Behety, que são os grandes latifundiários ainda na Argentina e que são aliados de um setor do exército que se chama Los Colorados. De um lado estão os azuis que são os sarmientinos e pró-ingleses e do outro estão os colorados, os dois grandes latifundiários. Essa divisão nunca terminou. Isso determinou diferentes tipos de gaúchos. O gaúcho que andava a solta pelo campo e que encarnava um certo ideal de liberdade contra o conchabo ou escravidão deu lugar, por exemplo, a poemas como os de Martin Fierro:

“Yo no tengo en el amor
Quièn me venga con querellas;
Como esas aves tan bellas
Que saltan de rama en rama,
Yo hago en el trébol mi cama,
Y me cubren las estrellas.”

E aqui contribui Atahualpa Yupanqui:

“Los campos, con ser ajenos
Los cruzo de un galopito,
Guarida no necesito
Yo se dormir al sereno.”

Esse é um ideal de liberdade, que sucumbe no personagem cômico das histórias de Fontanarrosa, o Inodoro Pereyra. Um personagem que é muito prezado na Argentina, pois Fontanarrosa é um Rosarino. O primeiro nome do personagem indica que todo mundo defeca na cabeça dele, pois Inodoro é vaso sanitário. Ele tem um cachorrinho que se chama Mendieta, é um cachorro vira-lata e vagabundo que fala o tempo todo. Sua esposa que se chama Eulogia, é uma índia gorda, enorme e cheia de piolhos. Ele toma esses piolhos como uma homenagem que ela lhe faz, pois no fim das contas a comichão que

sentem vem dela. Ele reconhece a origem da sedução nos piolhos. Dona Eulogia tem piolhos e eles vivem na miséria, porque é o resultante, o resto desse mito do gaúcho livre.

Quando chegaram os gringos, assim se chama na Argentina os italianos, alemães e espanhóis, imigrantes que chegaram com as duas grandes guerras e com a grande crise dos anos 30, eles tomaram como próprio o mito dos gaúchos livres. Muitos se apegaram a duas grandes imagens: uma de Facundo Quiroga, como o gaúcho libertário do interior e outros se apegaram à imagem de Martin Fierro, aquele que se negava a lutar contra os índios, ao conchabo e ao emprego. Esses foram os que fundaram a sociedade anarquista. A sociedade anarquista constituída por genoveses tomou como símbolo Martin Fierro. Nas reuniões recitavam os poemas de José Hernández, autor de Martin Fierro.

Quebracho, um grande e respeitado político que foi sobrevivente do massacre do ano 24 da La Forestal, criou o que se chamou na Argentina o Partido dos Trabalhadores. Ele levava sempre embaixo do braço o Martin Fierro ilustrado por um grande pintor argentino, Juan Carlos Castagnino. O que estou tentando é traçar as razões pelas quais um homem a cavalo, vestido com bombachas – sabem qual foi a origem das bombachas? Resulta que a Inglaterra estava iniciando a Guerra da Crimeia, para dominar e colonizá-la. Fazia muito frio e os soldados precisavam de abrigo para as pernas. Confeccionaram uma calça bem ampla para colocar em cima dos calções do exército, a bombacha. Só que quando terminaram de fazer as 50 mil calças que precisavam para o fronte, a Guerra da Crimeia, que duraria alguns anos, finda em apenas trinta dias. Retiraram as tropas e não tinham o que fazer com essas calças. Foi assim que os ingleses as colocaram num barco e levaram ao Paraguai, Rio Paraná adentro, e começaram a vendê-las. Os gaúchos e os *gauchos* compraram. Concluindo, como um homem de bombacha, constitui-se como um ícone, atravessa os campos a cavalo,



em *galopito* e mesmo sendo um caminho longo ele não precisa de guarida porque dorme ao sereno. Como se constitui esse mito? E além do mais usando bombachas inglesas. Como se transforma no nosso mito do homem livre?



Que opressão não vivemos na modernidade que nos leva a idealizar um personagem que em termos de proporção da população quase não existe? Em Porto Alegre a gente não vê um gaúcho de modo nenhum. E no interior da Argentina tem que andar muito para encontrar um gaúcho de chapéu e lenço no pescoço que também é colorado ou azul, respondendo às tradições da gestação da nacionalidade argentina que é um mosaico de fragmentações entre a imigração e que busca e encontra um ponto de amarração num ícone, num fetiche que levante e suporte os ideais de ser alheio a qualquer fortuna e ao mesmo tempo livre de qualquer conchavo.